

NOTA PRÉVIA

Os textos que se seguem são a tradução de dois artigos de Jan Patočka sobre o tema da fenomenologia “assubjectiva”. O primeiro artigo aqui publicado apareceu em 1971, em *Sborník filosofické fakulty brněnské university 19-20 (1971)*, *Řada uměnovědná* (F), Nr. 14-15, pp. 11-26, com o título “Der Subjektivismus der Husserlschen und die Forderung einer asubjektiven Phänomenologie”. O segundo artigo aqui publicado havia aparecido no ano anterior, 1970, em *Philosophische Perspektiven*, ein Jahrbuch, Bd. 2 (editado por R. Berlinger e E. Fink), Frankfurt/M. (V. Klostermann) 1970, pp. 317-334, tendo por título “Der Subjektivismus der Husserlschen und die Möglichkeit einer “asubjektiven” Phänomenologie”. Os textos foram originalmente publicados em língua alemã.

Intenção comum a ambos os textos é a crítica do subjectivismo da fenomenologia de Edmund Husserl. O subjectivismo da fenomenologia husserliana não desponta, para Jan Patočka, apenas na “fase transcendental” da fenomenologia, mas tem já as suas raízes na apropriação husserliana do pensamento de Brentano, particularmente dos elementos não explicitados de cartesianismo que este contém, nos quais avulta a sua oposição directora entre fenómenos físicos e psíquicos e a compreensão do psíquico como algo para si próprio internamente percebido numa certeza absoluta. Para lá da detecção do modo como o projecto fenomenológico foi, desde a origem, encoberto por uma compreensão “cartesiana” da subjectividade, a intenção de ambos os textos consiste em reapresentar a fenomenologia como uma doutrina do “aparecer”. Esta doutrina do aparecer desenrola-se num campo fenomenal que está ainda aquém da polarização do subjectivo e do objectivo e que não é, por isso, nem uma doutrina do objecto aparente, mas da aparição enquanto tal, nem uma doutrina da subjectividade constituinte, mas uma fenomenologia “assubjectiva”, se bem que este assubjectivismo não dispense uma referência axial ao *ego sum* e uma sua compreensão renovada.

Jan Patočka nasceu a 1 de Junho de 1907, em Turnau, na Boémia, território da futura Checoslováquia, hoje República Checa. Em 1925-26, matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Karls-Universität, Praga. A partir de 1928/29, foi bolsheiro em França e teve contacto, na Sorbonne e no Collège de France, École de Hautes Études, com o ensinamento de pensadores como Brunschvicg, Édouard Le Roy, Paul Janet, entre outros. Durante essa estadia, teve oportunidade de assistir aos *Pariser Vorträge*, de Edmund Husserl. Regressado a Praga, fez provas académicas, apresentando um trabalho sobre o conceito de evidência. Em 1932/33, estudou em Berlim e Friburgo, assistindo aos seminários de N. Hartmann e de M. Heidegger e mantendo contactos pessoais tanto com Husserl como com o seu então assistente Eugen Fink.

Fez a sua habilitação em Praga, no ano de 1937, com o estudo *O Mundo Natural como Problema Filosófico*.

A bibliografia de Jan Patočka é imensa e não poderia ser aqui referida.¹ Como fenomenólogo, Jan Patočka situa-se algures “entre” Husserl e Heidegger. O seu esforço teórico ultrapassa, porém, essa simples necessidade de se explicar perante esses dois vultos maiores da fenomenologia e tem uma eficácia que transcende largamente esse debate – inconclusivo e hoje já pre-rempto – que absorveu os melhores esforços de toda uma geração de excelentes fenomenólogos. A sua proposta de uma fenomenologia assubjectiva, apresentada como uma doutrina da “aparição no seu aparecer”, em que se opera um retorno da gnosiologia à questão ontológica, é, de facto, uma via ainda por trilhar na fenomenologia e uma proposta teórica que permanece actual, depois dos becos sem saída das ontologias do *Dasein*, da *Existence* ou da *Chair*. A meditação sobre o porvir da fenomenologia é, em Patočka, indissociável da rememoração da Ideia de Europa e, através dela, de uma tomada de posição perante as vicissitudes civilizacionais e políticas do ocidente. Por isso, enquanto fenomenólogo, Patočka é também um cidadão. A sua decidida tomada de posição contra os totalitarismos que incendiaram o séc. XX exprimiu-se de uma forma particular no movimento pelos direitos cívicos da *Carta 77*, de que foi um dos porta-vozes. Exilado na sua própria pátria, proibido de leccionar e de publicar, Patočka foi, aí, um cidadão sem cidade, um filósofo impossibilitado de se dirigir ao mundo. Morreu a 13 de Março de 1977, sucumbindo a uma hemorragia cerebral na sequência de onze horas de interrogatório pela polícia política checa.

Agradecemos ao Jan Patočka Archive, e muito particularmente ao seu director, o Prof. Ivan Chvatík, a autorização para traduzir e publicar estes dois artigos de Jan Patočka e o interesse posto nesta edição. Inexplicavelmente ou talvez não tanto, é a primeira vez que se publica em língua portuguesa e em Portugal um texto deste autor. Nesta edição, resolvemos não respeitar a ordem cronológica, publicando em primeiro lugar o artigo de 1971. Essa decisão deve-se ao facto de este artigo, por mais detalhado na argumentação sistemática e no enquadramento histórico-filosófico, poder funcionar como uma apresentação mais acabada do pensamento de Patočka. O artigo de 1970, aqui publicado em segundo lugar, por ser mais curto e sintético tanto na argumentação como no enquadramento histórico-filosófico, pode funcionar como uma excelente condensação e resumo das posições do autor.

¹ Vide L. Hagedorn e H. R. Sepp (editores) – *Jan Patočka. Dokumente, Bibliographie*. Freiburg/München e Prag: Verlag Karl Alber e Verlag OIKOYMENH, 1999, pp. 527-683.